

republicano. Ainda assim, depois da implantação da República, fixa residência em Paris, onde se liga profundamente ao meio intelectual, artístico e cultural.

É em Paris que conhece a Baronesa Hélène de Zuylen (1863-1947), que será sua companheira durante mais de trinta anos e a quem Olga dedica a sua derradeira obra, *As Minhas Memórias: Tempo Passado, Tempo Ausente* (1948). Durante a II Guerra Mundial estabelecem-se em Lisboa, onde viverão até ao fim dos seus dias.

Ainda em vida, em 1939, doou à Câmara Municipal de Setúbal o recheio da sua casa de Paris, onde se destacam a importante biblioteca, objetos de arte e uma valiosa coleção de autógrafos. Este conjunto constituiu o acervo fundador do Museu de Setúbal/Convento de Jesus. **[AA]**



FONTE: SADO-RECLAME, 1930, AGOSTO.
HEMEROTECA DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL
DE SETÚBAL



Óscar Paxeco

(Setúbal, 10/08/1904 – Lisboa, 17/02/1970)

Um jovem nacionalista

Nasceu na rua Serpa Pinto, n.º 20 - 2.º andar, na freguesia de S. Julião, em Setúbal, filho de Joaquim José Pacheco, carpinteiro, e de Deolinda Batista, doméstica, ambos naturais da mesma freguesia; foi-lhe dado o nome completo de Acácio Óscar Batista Paxeco. Era sobrinho de Fran Paxeco, também jornalista e escritor. Destacou-se como jornalista, começando a escrever muito novo no jornal *O Setubalense*, a partir de 1922. Em 1926 dirigiu a revista literária *Cetóbriga*. Foi um dos fundadores do Sindicato Nacional dos Jornalistas.

Ainda na década de vinte, aproxima-se politicamente dos setores nacionalistas e conservadores da cidade. Assume-se como monárquico. Acolhe

com entusiasmo os vencedores do 28 de maio.

Durante a suspensão d'*O Setubalense* será redator principal do jornal *O Distrito de Setúbal*, que substitui durante seis meses aquela publicação. *O Distrito de Setúbal* vai ter uma linha editorial inspirada nos fascismos europeus em ascensão.

A propósito da visita do presidente Carmona a Setúbal, afirma que chegou uma nova era à cidade: «Desde o 28 de maio temos que prestar homenagem à verdade, a nossa terra tem encontrado da parte dos governantes pelo menos uma grande vontade de justiça para com eles. O senhor General Carmona deixou-nos a garantia segura de que enquanto o Governo permanecer à testa da nação, nós os setubalenses podemos contar com o seu auxílio dedicado. Isto bastou-nos como esperança tentadora que começa a iluminar o caminho do nosso futuro».

No calor do seu entusiasmo promete estrelas a alumiar o porvir: «No nosso futuro, parece começar, alfim [sic, hoje diz-se enfim], a dealbar a estrela de melhores dias que façam esquecer as horas amargas do presente».

Desempenhou vários cargos públicos durante o período da Ditadura Militar e do Estado Novo. Em 1928, integrou a Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Almada. Em 1931, foi comissário do Governo junto do Teatro Nacional de São Carlos, cargo que ocupou até 1936. Trabalhou no Secretariado de Propaganda Nacional, órgão criado por Salazar e dirigido por António Ferro, responsável pela divulgação dos ideais nacionalistas. Em 1945, entra para o Secretariado Nacional de Informação, organismo com idênticas funções do anterior.

Foi um dos fundadores do Sindicato Nacional dos Jornalistas. Colaborou em vários órgãos de comunicação social de Lisboa entre os quais a Emissora Nacional, *O Século*, *Diário da Manhã*, *Novidades* e a *Gazeta*. **[AAC]**